



Empresas fizeram apostas erradas em derivativos

Avaliação de analista é que o fato de o Brasil ser credor de sua dívida externa gerou falsa sensação de segurança

Rio — As apostas erradas feitas por grandes empresas em derivativos cambiais teriam sido negativamente influenciadas pela sensação de segurança motivada pelo fato de o Brasil ser credor de sua dívida externa. A avaliação foi feita por Rubens Cysne, doutor pela Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da FGV e pós-doutorado pela Universidade de Chicago.

Para ele, a análise deste indicador traz a falsa garantia de menor vulnerabilidade cambial. “Muitos administradores de empresas acreditavam que, pelo fato de o Brasil ser credor da dívida externa, o país estava numa situação confortável e não havia risco de uma subida forte do dólar”, diz Cysne. Ele ressalta, no entanto, que este indicador traz uma visão parcial dos ativos e passivos de um país.

“Quando olhamos para o passivo externo líquido,

vemos que a situação é bem diferente: o Brasil tem passivo de US\$ 569 bilhões. Ou seja, a exposição cambial é grande e teve seus efeitos”, diz, tomando por base os últimos dados divulgados pelo Banco Central, de março deste ano.

O passivo externo líquido é formado, principalmente, pelo somatório da dívida externa líquida do país (positiva em US\$ 20 bilhões em setembro), dos Investimentos Estrangeiros Diretos (IED, negativos em US\$ 198 bilhões pelos dados de março), dos montantes gastos por não-residentes na compra de ações (negativos em US\$ 358,5 bilhões também pelos dados de março) e títulos públicos.

Saidas — “Ao apostar na manutenção da cotação do dólar nos derivativos, estes executivos esqueceram que numa crise os estrangeiros poderiam se desfazer de

+ Comentários (0)

| Valor Comercial: R\$ 5.452,00 | Cm/Col: 58 | Incluída em: 13/11/2008 11:00:00 |



1



2

Imprimir PDF Ver em texto Enviar (Formulário) Enviar (por e-mail) Comente



VEÍCULO

Diário do Comércio - MG

DATA

05/11/2008

EDITORIA

Economia

PÁGINA

8

Segue

2



seus investimentos. E foi o que aconteceu", conta Cysne. O desastre com derivativos cambiais teve destaque nos resultados do terceiro trimestre de algumas empresas. A Votorantim Papel e Celulose (VCP) anunciou perdas com derivativos cambiais de R\$ 2,2 bilhões. A Sadia, de R\$ 760

milhões e a Aracruz, de mais de US\$ 2 bilhões.

Toda vez que um estrangeiro se desfaz de investimentos no país, ele vende seus ativos em reais, mas depois os transforma em dólar. Este movimento de compra da moeda americana, explica Cysne, já é suficiente para pressionar

sua cotação para cima.

O reflexo mais imediato da fuga dos estrangeiros ocorre nas bolsas, onde a liquidez é maior. Somente em outubro, a Bovespa registrou saldo negativo de R\$ 5,1 bilhões no fluxo de aplicações de estrangeiros. A retirada mais lenta ocorre, por sua vez, no IED,

que reúne montantes direcionados ao setor produtivo. Neste caso, os aportes são feitos com visão de longo prazo. "A dívida externa líquida é um conceito mais de finanças, enquanto o passivo externo, um conceito macroeconômico. Muita gente se esqueceu disso", resumiu. (AE)

+ Comentários (0)

| Valor Comercial: R\$ 5.452,00 | Cm/Col: 58 | Incluída em: 13/11/2008 11:00:00 |



Pág. íntegra



1



2



Imprimir PDF



Ver em texto



Enviar (Formulário)



Enviar (por e-mail)



Comente